

---

## **Narrativas Oraís: Memórias entre Convergências e Divergências na Fronteira \***

Oral Narratives: Memories among Convergences and Divergences on the Border

**Leandro Baller**

*Docente do Curso de História da UFGD. Pesquisador do Grupo de Pesquisa: Estudos em Gênero, História e Interculturalidade, na Linha de Pesquisa de Cultura, memória, migrações e fronteiras (CNPq/UFGD). E-mail: lballer@ufgd.edu.br*

\*Este texto é parte integrante do Projeto de Pesquisa “Fronteiras: a produção da memória e a construção histórico-social entre Mato Grosso do Sul, Paraná e Paraguai”, cadastrado na PROPP/COPQ/UFGD, desenvolvido na Faculdade de Ciências Humanas.

Artigo originalmente apresentado no **III Seminário Internacional de los Espacios de Frontera (III Geofronteras)**, Universidad Nacional de Itapúa (UNI), Encarnación (Paraguay), 8 a 10 de setembro de 2015.  
*Disponível on-line em <http://e-revista.unioeste.br/index.php/pgeografica>*

---

**Resumo** - O texto faz uma análise exploratória de fragmentos discursivos de entrevistas (fontes primárias), com o objetivo de avaliar as perspectivas centrais expostas por atores sociais e históricos escolhidos por comporem o ambiente de fronteiras ou por possuírem conhecimento e vivência com os fronteiriços, bem como, com as populações que a circundam. A problemática gira em torno da polêmica questão rural que conforma a região leste do Paraguai, situado em grande medida na zona de segurança de fronteira, e nesse ínterim compreender como a territorialização desse espaço fronteiriço comporta elementos culturais que são construídos por diferentes etnias sem função de objetivos comuns para tais comunidades. Os resultados colhidos apresentam uma mescla cultural como um produto da construção de caracteres externos ao do país onde grande parte dessa população reside.

**Palavras-chave:** Brasil-Paraguai; Cultura; História; Oralidades; Contemporaneidade.

**Abstract** - This paper offers an exploratory analysis of discursive fragments extracted from interviews (primary sources) aiming to evaluate the central perspectives exposed by historical and social actors chosen by their ties with the borderer ambience or by their knowledge and experience with borderer subjects, as well as its surrounding populations. The research problem stands around the controversy about the rural issue which concerns the east region of Paraguay, largely situated in the border security zone, and, therefore, demands a comprehension on how the territorialization of this borderer space contains cultural elements which are developed by different ethnicities accordingly to the common objectives of these communities. The obtained results present the cultural blend as a product built by characters external from the country where large part of this population resides.

**Keywords:** Brazil-Paraguay; Culture; History; Oralities; Contemporaneity.

### **Introdução**

O texto tem por objetivo mostrar como as práticas cotidianas servem como meios de promoção da/na fronteira, por exemplo, no trânsito fronteiriço de pessoas entre Brasil e Paraguai acentuam-se indivíduos que vêm de fora e não pertencem a um lugar comum de vivência. Nesse sentido, a cultura é evidenciada especialmente pela população de origem do local, a qual, por sua vez, fundamenta um caractere cultural que se constrói em defesa do que ela elege como original à sua vivência. Explico esse modelo com base nas noções de desenraizamento do indivíduo que veio de fora. A compreensão dos caracteres de um povo ou de um grupo é necessária para o entendimento das diferenças.

Com a afirmação – que é comum ouvir – deque há intensa integração entre brasileiros e paraguaios no ambiente de fronteira; constata-se características que aparecem no campo de pesquisa e que mostram a estratificação dos indivíduos fronteiriços, compreendendo a relação como sendo *deestabelecidos* e *outsiders*. Em que a primeira é marcada pela tentativa de padronização de uma comunidade estabelecida<sup>1</sup> que não comporta os valores de outro grupo ou os que vêm de fora, os *outsiders*<sup>2</sup>. O grupo *estabelecido* recorre para a aparente unidade identitária. A segunda singulariza-se pelo sofrimento com o estigma contra o indivíduo ou o grupo que vem de fora, sendo essa uma “referência a um atributo profundamente depreciativo” (GOFFMAN, 1988, p. 13). Na relação social, os *estabelecidos* menosprezam os caracteres dos recém-chegados. Os traços distintos como a língua, a moral, a nacionalidade e, até mesmo, a religião, são aspectos considerados como próprias do grupo estabelecido que se opõe a qualquer prática distinta ou desconhecida que vem a ocorrer no local, e, geralmente, o diferente é atribuído a um indivíduo ou grupo, *outsider*.

Nas palavras de Goffman, essas relações não são raras de ser encontradas, ocorrem como normas e exigências apresentadas pela sociedade. Para ele.

A sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados como comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias. Os ambientes sociais estabelecem as categorias de pessoas que têm probabilidade de serem neles encontradas. As rotinas de relação social em ambientes estabelecidos nos permitem um relacionamento com outras pessoas previstas sem atenção ou reflexão particular. Então quando um estranho nos é apresentado, os primeiros aspectos nos permitem prever a sua categoria e os atributos, a sua identidade social – para usar um termo melhor do que *status* social, já que nele se incluem atributos como honestidade, da mesma forma que atributos estruturais, como ocupação (GOFFMAN, 1988, p. 11-12).

A operacionalização dos conceitos expostos é evidenciada, entre outros, por Norbert Elias e John Scotson (2000). Eles destacam que o estigma imposto a um grupo social é visto pelo grupo estigmatizador como natural, e, mesmo quando imposto, ele parece uma prática natural. Segundo os autores, “o estigma social que seus membros atribuem ao grupo [...], transforma-se em sua imaginação, num estigma material — é coisificado. Surge como uma coisa objetiva, implantada [...] pela natureza ou pelos deuses” (ELIAS & SCOTSON, 2000, p. 35). Essa concepção acaba por eximir o grupo estigmatizador de qualquer responsabilidade com relação ao convencionalismo dessa prática. Na perspectiva elisiana, o estigma advém da necessidade de um grupo se afirmar como superior a outro grupo.

Em algumas áreas da fronteira do Paraguai com o Brasil, como as dos Departamentos de Alto Paraná e Canindeyú, a presença de fronteiriços nacionais e não nacionais é equilibrada, embora reconheçamos que há, na maioria das vezes, a superioridade numérica de estrangeiros ou de descendentes. Nesse campo, a análise confunde quem são os *estabelecidos* e quem são os *outsiders*, uma vez que a entrada de brasileiros, na região de fronteira oriental no Paraguai, se originou no mesmo contexto em que os paraguaios estavam povoando esse local<sup>3</sup>. Nesse sentido o que é indiscutível é a presença primeira do indígena, que, muitas vezes, é confundido com o paraguaio.

Dessa forma correm disposições que condizem com os interesses dos “pioneiros”, ou seja, aceitam-se, na maioria das vezes, a versão daqueles que chegaram primeiro ao local, sejam paraguaios ou brasileiros. Os denominados pioneiros acabam sendo as pessoas que detêm mais prestígio para falar do lugar ou sobre o lugar. Logo, o que marca os aspectos estigmatizadores em nosso estudo está diretamente ligado à produção de capital, residência e caractere étnico, ou seja, características presentes no *estabelecido*.

### **Discursos Críticos sobre essas Relações**

O interesse aqui é analisar a maneira como alguns discursos orais tornam as relações entre os dois povos representativos. Nesse sentido o discurso do pastor Ricardo

Becker mostra menosprezo à condição do indígena por brasileiros e por paraguaios no Paraguai, bem como o da condição de preconceito do brasileiro para com o paraguaio. Nas palavras de Ricardo.

Os indígenas são outra parte, porque não são nem migrantes e nem paraguaios, porque existe uma diferenciação para não dizer discriminação entre paraguaios e indígenas, muito forte [...] dentro do Paraguai, do mesmo jeito que existe essa diferenciação entre paraguaios e brasileiros, não é? Então o indígena é visto como pessoa de baixa cultura, quase sem cultura não é?. Que não tinha nada para oferecer, era alguém que estava ali [...], e sim existe uma discriminação onde se empregava eles para arrancar o inço [erva daninha] no meio da roça, e coisa assim, para trabalho, e um trabalho que lhes pagava pouco, não se valorizava o trabalho deles, e quando se deveria pagar trinta mil, se pagava quinze mil, e assim uma questão muito discriminatória não é? E eles moravam no seu território, mas hoje esses territórios foram cada vez mais pressionados, invadidos, com a *deforestación*, entrou no meio deles a questão da produção de soja, deixando eles e o seu próprio sistema tradicional de vida de lado, por que as parcelas deles estão cada vez mais pequenas, não é? (ENTREVISTA, 2013: RICARDO ADOLFO BECKER, ASUNCIÓN).

É possível extrair vários elementos que se mostram contraditórios em relação ao que encontramos em outros discursos e especialmente na literatura, os quais pregam a perfeita integração entre paraguaios e brasileiros, ou mesmo a boa relação entre indígenas e paraguaios. Ainda que essa questão possa ser compreendida em suas especificidades, ou em suas diferentes formas de observação no meio social. Em uma comunidade, em que há o predomínio da migração estrangeira, especialmente de brasileiros, dificilmente todos os aspectos sócio-culturais que ambos os povos possuem – brasileiros, paraguaios e indígenas – serão praticados e compartilhados entre eles com a mesma intensidade. São a partir das diferentes maneiras de aproximação, de distintas práticas sócio-culturais, que se originam as formas de resistência e conflito.

Isso também ocorre no Chaco, local onde as agitações entre *menonitas* e indígenas, sobretudo, no que concerne à ocupação da terra. São conflitos que também se dão em razão de imigrantes, em que os paraguaios/campeiros possuem conhecimento de leis e sabem como lidar com elas. Entre os indígenas a questão não é tão clara, o que torna esses problemas mais conflituosos por causa da instrução perante a legislação que rege o tema; situação sensível e se mal administrada conduz à violência.

A entrevista do senhor Mario Langer é elucidativa da questão, quando observa que, com o passar dos anos, as relações têm melhorado entre brasileiros e paraguaios. Contudo, ele não nega que há nítida diferença na maneira como os dois povos se comportam em relação às práticas socioculturais exercidas em um mesmo local. Langer reconhece que, no principal núcleo urbano do distrito de General Francisco Caballero Álvarez, mais propriamente em Puente Kijhá, há uma população de aproximadamente 80% de paraguaios. Os brasileiros são minoria na área urbana, por outro lado, eles são maioria no meio rural.

No conjunto de sua entrevista aparecem questões que ainda são sentidas pelos imigrantes brasileiros no Paraguai, depois de mais de trinta anos na localidade, por exemplo, o idioma guarani, que não é assimilado pelos estrangeiros. Outro ponto é a dificuldade com os filhos na escola, eles possuem dificuldade de aprender, há uma mescla de espanhol, guarani e português em sala de aula. Langer comenta ainda sobre a cultura alimentar que, no centro urbano, em Puente Kijhá, raramente conseguem atender as vontades alimentares dos imigrantes.

Sua narrativa crítica sobre o núcleo urbano muda de tom quando Langer se refere ao meio rural. Ele parece querer apaziguar as relações opostas que há entre dois modelos de relação com a terra: o da produção de subsistência, desenvolvido pelos camponeses paraguaios, como, por exemplo, o que se efetua no assentamento San Juan; e o da produção capitalista, praticado em grande medida pelos brasileiros. Na localidade de Puente

Kijhá, há uma distribuição equilibrada de paraguaios e brasileiros, dentro desse panorama cada grupo tenta impor seu modo de vida, isso leva a uma constante reconstrução de *modus vivendi* por parte da sociedade, situação que fica evidente na entrevista, bem como na forma com que ele constrói seu discurso, às vezes criticando e às vezes apaziguando as relações socioculturais entre brasileiros e paraguaios. Segundo Langer,

[...]nós criamos comunidades, nós criamos todos os tipos, fomos montando pequenas sociedades, pequenos grupos de convivência, ao ponto, por meio e através da igreja, através da cooperativa [Cooperalba] foi um dos modelos que aconteceram também, e escola, pequenas escolas onde aprendíamos espanhol, e infelizmente, digo assim, nós temos uma cultura muito ruim que é falar português na terra dos outros [...] (ENTREVISTA, 2014: MARIO LANGER, FRANCISCO CABALLERO ÁLVAREZ – PUENTE KIJHÁ).

Segundo Langer, houve períodos de completa separação, em que as pessoas simplesmente negavam os modelos de uma ou de outra nacionalidade, havendo a necessidade de se criar formas de relações mais eficientes para o convívio. A igreja, a cooperativa [Cooperalba], os grupos, foram meios de aproximar as pessoas, dando condições de convivência entre as duas nacionalidades em Puente Kijhá. Para ele, quando há um equilíbrio numérico maior entre os dois povos, a construção de modelos, arquitetados com pautas de coexistência, se torna mais difícil de ser aceita por um ou por outro grupo, por que não há como impor um modelo, em um determinado local se a sociedade desse lugar não o aceita. Entretanto, quando os modelos propostos começam de ser praticados e são acolhidos, eles tornam-se muito mais fortes, e ambos os povos realmente compartilham de seus benefícios, inclusive dos problemas, pois todos são atingidos. O alcance dos mecanismos criados para a integração são mais efetivos e perceptíveis quando há um equilíbrio numérico entre paraguaios e brasileiros.

É nítido que a pretendida perfeita integração que dizem ocorrer entre os povos das duas nacionalidades resulta de discursos que provêm de localidades ou distritos onde há grande maioria de pessoas de apenas uma ou outra nacionalidade, como é o caso de Santa Rita, no departamento de Alto Paraná. Nessa localidade o predomínio de brasileiros e descendentes de primeira e segunda geração é tão grande que eles acabam anulando qualquer característica tradicional da cultura paraguaia. Com isso, passam a pregar a perfeita integração, mas, na verdade, a preponderância de uma só nacionalidade não caracteriza necessariamente a integração entre as pessoas em dada sociedade, mas sim entre as pessoas e o espaço comum que se criou nesses locais, não há um processo simétrico de relações humanas, e sim de relação com o espaço estrangeiro. O sociólogo Ramón Fogel estabelece suas críticas no que se refere a essa questão, ele diz que.

[...] nosotros somos naturalmente todos colonizadores y no más el Brasil es lo más poderoso de la región y nosotros estamos bastante vulnerable esta asimetría eso hace que este tenga la tendencia a colonizarnos, y a estereotiparnos, nosotros somos minoría en la Argentina, y nos discriminan, somos minoría en España y nos discriminan, somos minoría en Itália, en Estado Unidos, a nosotros nos discriminan en nuestro propio País verdad? Pero siendo, todavía la mayoría él es un caso unico en la literatura que yo conosco y que tengo leído mucho he gastado mucho de mi tiempo leyendo y no encontré un caso de un país cuyos habitantes son tan discriminados en su propio país por inmigrantes extranjeros eso es un caso unico, y entonces eso es un fenómeno muy frecuente<sup>4</sup> (ENTREVISTA, 2006: RAMON FOGEL, ASUNCIÓN).

Ramón Fogel marca perspectivas que são assumidas em locais onde há predominância de estrangeiros, por exemplo, a desproporção entre dois povos que pode gerar caracteres estigmatizadores com a discriminação e a colonização. Quando o sociólogo estabelece sua discussão sobre a colonização, ele destaca os costumes que se praticam nesses locais.

O sociólogo Quintin Riquelme também realça essa problemática, ao referir-se à cidade de Santa Rita, no departamento de Alto Paraná. Em discurso crítico acerca da situação, ele diz que Santa Rita é uma cidade brasileira, que tudo é proveniente do Brasil, o que passa aos paraguaios a impressão de que novamente estão sendo colonizados. Então, não há integração, há o predomínio numérico de uma nacionalidade que acaba impondo o seu modelo, inclusive, na forma como algumas cidades são construídas no Paraguai.

Outra situação semelhante é possível ser visualizada em Katuete, quando Ilvo Spielmann reconhece que havia em torno de 90% de brasileiros e descendentes na cidade. Atualmente essa proporção se alterou justamente porque já há duas gerações de descendentes de brasileiros que possuem identidade paraguaia nesse distrito. Seu discurso é interessante, ao tecer considerações sobre a iluminação da cidade. Para ele – que fez parte da comissão que trabalhou no projeto de iluminação da avenida central da cidade de Katuete – isso é importante, até mesmo porque “a iluminação na avenida” assemelha-se a de ruas e avenidas de cidades brasileiras.

A gente fez um investimento bem interessante e muito chamativo, a nível nacional, que é a iluminação na avenida, foi um projeto meu né, e foi uma ideia inicial e de um fundo que veio da Itaipu que naquela época não tinha um projeto específico onde a gente direcionou para que se investisse nesse setor, portanto, hoje nós temos uma avenida maravilhosa, onde é reconhecida a nível País, que não tem nada igual, a não ser em cidades brasileiras, ou mesmo europeias, que é algo assim bem colonial e muito bonito (ENTREVISTA, 2014: ILVO SPIELMANN, KATUETE).

Os entrevistados Mario Langer e Ilvo Spielmann são antigos moradores das localidades onde vivem atualmente e se mostram como atores históricos que criam ou constroem possibilidades nos distritos onde convivem entre brasileiros e paraguaios, exploram o lado empreendedor voltado tanto ao setor urbano, quanto ao rural. Na verdade são discursos que aparecem separados, e, sobretudo, em conversas informais, em que, de um lado estão os agricultores que progrediram; de outro, os agricultores que não se deram bem na nova dinâmica rural voltada ao agronegócio. O modelo rural em que o trabalho se volta para a exportação atua nos dois lados de uma questão que surge a todo o momento, a da integração e a do conflito.

Katuete é conhecida como a cidade da integração entre brasileiros e paraguaios, o *slogan* na placa de entrada da cidade é “*Katueté la ciudad de la integración*”. Essa característica é importante apontar, pois, em alguns lugares do Departamento de Canindeyú, próximos à fronteira com o Brasil houve projetos que foram desenvolvidos em conjunto, por isso há uma aproximação maior entre as pessoas. Atualmente podemos dizer que Katuete experimenta maior paridade entre brasileiros e paraguaios; e que no passado representou um conjunto de lutas e conquistas.

A professora Fernanda Feliú de Soto, diz que um exemplo de luta comum entre brasileiros e paraguaios se deu no momento em que a população lutou pela emancipação de Katueté. Em seu livro *Canindeyú – zona alta: los brasiguayos*, ela destaca que houve grande entrosamento, união política e cumplicidade entre os cidadãos para que a emancipação se tornasse possível. Alguns defendem que Katueté é o lugar onde melhor se deu a integração entre brasileiros e paraguaios, dentre todas as regiões fronteiriças (Cf.: FELIÚ DE SOTO, 1999, p. 75). Posição essa que não é compartilhada por todos, conforme vimos anteriormente, e que pregam um maior equilíbrio entre as populações do Brasil e do Paraguai para que haja integração. Essa é também a impressão de alguns entrevistados sobre o assunto que defendem a boa integração baseada no equilíbrio populacional. No momento da emancipação política de Katueté, em 1994 – cidade fundada e nominada pelo brasileiro Jeremias Lunardelli, ao que tudo indica em fins da década de 1940 e início da de 1950 –, houve sim maior predisposição entre as pessoas de ambas as nacionalidades por uma luta comum, a luta pela independência distrital, uma vez que a presença do Estado era quase inexistente nesses locais.

Nas regiões de fronteira do Paraguai com o Brasil, a presença do Estado paraguaio ainda é precária, ele chega com algumas demandas mais pontuais em locais conhecidos, como, por exemplo, para efetuar segurança em aduanas nas cidades com tradição de turismo de compras. Porém, na grande maioria das vezes, o que notamos é a diferença entre as cidades de Brasil e Paraguai, especialmente na infraestrutura, o que aparece de maneira mais visível. Esse é um dos motivos pelos quais a tradição cultural dos brasileiros se mantém em manifestações socioculturais no Paraguai, pois mesmo os paraguaios de origem consomem muito do que vem do Brasil. Na saúde, nas comunicações, nas escolas, na infraestrutura viária e de transporte, a deficiência do Estado leva os cidadãos a criar novas formas de vivência nas fronteiras que podem ser visualizadas nas relações sociais e no consumo de bens materiais e simbólicos que advêm do Brasil.

Isso ocorre também com outros serviços sociais que são buscados no Brasil por pessoas residentes nas fronteiras do lado paraguaio, podendo ser brasileiros ou paraguaios. O caso mais evidente se dá entre Foz do Iguaçu e *Ciudad del Este*, consideradas grandes cidades que mantêm estreito relacionamento comercial, em grande medida já independente do turismo de compras. As pessoas passam diariamente para o lado de Foz do Iguaçu com vistas a comprar verduras e frutas para serem revendidas em *Ciudad del Este* nos mercados. Há também proprietários de restaurantes, hotéis, armazéns que vão para Foz do Iguaçu adquirir carne de bovina, de frango, ovos, embutidos, cacau, café, etc., vários itens que são transportados todos os dias para a cidade do outro lado da fronteira. Outras pessoas se dedicam a levar mercadorias, sob encomenda, de Foz do Iguaçu para Assunção ou para *Encarnación*. O trânsito humano nas cidades se confunde com o vai e vem das mercadorias, característica que fortalece a integração entre as pessoas dos dois países, pois há o contato cotidiano entre as pessoas na manutenção dessas atividades, e sem a presença do Estado.

Junto à circulação de produtos entre os dois países, há os costumes de compra dos fronteiriços nas regiões de fronteiras. Para evidenciar minimamente esse ponto retomo o discurso do pastor Ricardo, ele comenta sobre as cidades por onde trabalhou. Encontrei no discurso indicações claras, de que como alguns produtos – que não são costumeiros aparecer no mercado paraguaio – são postos à disposição do consumidor. Essa é uma característica importante de ser percebida como uma construção de modelos de integração e sociabilidade. Segundo o pastor:

Por exemplo, [Nova] Toledo [Caaguazú], Santa Rita [Alto Paraná], Katuete [Canindeyú], em distintos lugares onde tem muitos brasileiros, tu vai no supermercado tu vai encontrar a mesma quantia de erva [mate] pra chimarrão [mate quente] que de erva [mate] paraguaia [erva mate para tereré – mate frio], então tem certos elementos que [...], por exemplo, o tereré é uma coisa bem incorporada, por exemplo, não existe brasileiro no Paraguai que não tome tereré né? (ENTREVISTA, 2013: RICARDO ADOLFO BECKER, ASUNCIÓN).

A disposição de produtos nos supermercados enfatiza a forte presença de brasileiros vindos do sul do País, que possuem como costume tomar o chimarrão, e o fato de a erva-mate para chimarrão aparecer na mesma proporção que a erva mate para *tereré* nos locais de venda é característico dessa influência. Isso não é comum em Assunção, por exemplo, onde, na maioria dos mercados, não se encontra o produto para chimarrão. Inclusive, em relação a outros produtos que não são, costumeiramente, encontrados na capital do Paraguai, ou não são consumidos pelos paraguaios que residem na capital.

Essa tendência mostra, como se dão as relações sociais com modelos de incorporação de produtos não convencionais e que não constituem via de mão única, uma vez que há muitos paraguaios se aproximando dos costumes e produtos brasileiros, existem brasileiros compartilhando produtos e hábitos de consumos paraguaios, conforme muito bem denota Ricardo, com o exemplo do *tereré*. É crível constar que o hábito é comum, e bem aceito não apenas pelos brasileiros que estão no Paraguai, mas também pelos brasileiros no Brasil, com maior incidência no Centro-Oeste, independentemente de estarem na fronteira.

Spielmann também enfatiza o tema quando destaca os hábitos culturais.

Os hábitos aqui em Katuete são muito brasileiros ainda, tanto, vamos supor costumes artísticos, os bailes aqui é tudo estilo brasileiro, não é no estilo paraguaio, então, portanto, temos aqui pra ter uma ideia temos o CTG Centro de Tradições Gauchescas, temos a Associação dos Casais. São assim uma relação muito forte aos costumes brasileiros, portanto, os paraguaios também participam desses costumes e hoje eles estão bastante adaptados nesses hábitos, no estilo brasileiro, o paraguaio em si assiste todas as novelas brasileiras e também os canais brasileiros aqui, eles estão integrados nesse sistema de vida também. Como os hábitos alimentares, inclusive, o tradicional brasileiro descendente de alemão ele tem o costume de comer cuca com churrasco, e hoje o paraguaio daqui faz o mesmo, que ele jamais pensou em comer algo doce com salgado, por que o hábito deles é churrasco com mandioca, e hoje eles preferem a cuca ao invés da mandioca (ENTREVISTA, 2014: ILVO SPIELMANN, KATUETE).

Spielmann observa ainda que há diferenças entre o modo de disposição dos produtos nos supermercados, nas cidades de *Katuete* e de Assunção. Segundo ele, que reside há 40 anos em *Katuete* e mantém um supermercado desde o ano de 1994.

Aqui na nossa região o consumo é mais de embalagens grandes, por exemplo, arroz de cinco quilos, sabão em pó de um quilo, ou de dois, ou de três, amaciante de dois litros, ou mesmo de cinco, coisas assim, feijão de cinco de um, farinha de trigo de cinco quilos, e em Assunção tu não vê isso, para assim, ser bem específico, não tem esse hábito, lá é especificamente tudo de um kilo, de meio, e de  $\frac{1}{4}$ , não há consumidores que compram cinco quilos, muito pouco, e aqui é exatamente ao contrário, aqui é 90% é embalagens grandes, e 10% embalagens pequenas (ENTREVISTA, 2014: ILVO SPIELMANN, KATUETE).

O assunto enfatizado pelos entrevistados Ricardo Becker e Ilvo Spielman, tanto em relação ao tamanho das embalagens quanto em relação à igualdade de produtos consumidos e que se assemelham costumeiramente aos hábitos paraguaios e brasileiros, são base elucidativa do modo de vida da sociedade local em uma ambiência fronteiriça, em oposição ao que ocorre na capital. Em uma análise comparativa, pode-se afirmar que são modelos diferentes marcando o caráter social dessas regiões incorporado no cotidiano.

Os meios de comunicação colaboram muito na manutenção dos costumes, no nosso contexto, especialmente o rádio e a televisão. Esses meios estão em plena transformação no Paraguai. Até há pouco tempo, as regiões fronteiriças tinham acesso quase que especificamente ao rádio e à televisão – notadamente programas e canais brasileiros. Então a crítica sociológica sobre a livre escolha muitas vezes não podia ser aplicada neste ponto, pois havia um completo esquecimento dos meios de comunicação paraguaios com essas regiões, e as emissoras brasileiras possuíam suas repetidoras ao alcance dos fronteiriços. Com isso, reforçam-se temas cotidianos que são apreendidos pelos meios de comunicação, como o idioma, as notícias sobre o Brasil, as questões políticas que estão se desenrolando, as novelas, os programas de auditório, a música, e assim por diante.

Hoje muitas empresas vendem o sinal via satélite no Paraguai, que pode ser estendido para a programação televisiva do mundo todo. Desse modo, dentro de alguns anos, novas análises servirão como contraponto para mostrar o comportamento das pessoas em relação a essas novas ferramentas, inclusive, a internet. Poderá ser verificado se o costume dos fronteiriços irá permanecer voltado às formas de reprodução dos meios de comunicação do Brasil. Sobre isso, Ricardo diz que.

Quando eu cheguei nessa Colônia Nova Toledo [1998], fazia dois anos e meio que tinha chegado a luz elétrica, e nesta época o pessoal tava como saindo da fase dura do trabalho, de ter entrado fazia uns vinte poucos anos, que tavam ali entrado no mato, limpado tudo, mecanização tava no despegue alto, a maioria deles então ainda tinham casinha de madeira, a

primeira casa não é, veio luz elétrica [energia]; e se instalou a luz elétrica naquela casinha, a primeira coisa que entrou foi a geladeira, e junto com a geladeira foi a TV, e uma parabólica enorme que se pegava todos os canais do Brasil, e alguns que estavam um pouco melhor economicamente já tinham a TV e já tinham parabólica e faziam funcionar com baterias. Mas era a parabólica! Então se assistem os canais de TV do Brasil, e muito que agora tem a questão de TV por satélite tudo, por exemplo, Tigo, Claro, [telefônicas], alguns começaram a instalar agora Claro TV, *entonces* eles pegam canal do Paraguai e de todo mundo, mas a parabólica era basicamente canais do Brasil, um que outro da Europa. Isso, muita gente sofria realmente dentro desse sistema, as mulheres basicamente, estamos falando de uma cultura basicamente machista né? Onde quem sai e vai atrás dos negócios é o homem (ENTREVISTA, 2013: RICARDO ADOLFO BECKER, ASUNCIÓN).

O uso de bens materiais e simbólicos provenientes do Brasil é uma das críticas que aparecem com frequência na fronteira, críticas geralmente elaboradas na capital. Existe uma espécie de fidelidade aos produtos nacionais do Brasil, geralmente os brasileiros e descendentes que estão no Paraguai buscam nesse país o que é brasileiro. Essas atitudes, muitas vezes inconscientes, reforçam o ponto de vista de que as “coisas” do Paraguai não são boas, não possuem qualidade, e acabam sendo desconsideradas por uma parcela da população brasileira que vive ou vai até o Paraguai motivado pelo turismo de compras. Por outro lado, há um mercado que vive da cópia, da pirataria, da falsificação, não que essa prática do consumo da pirataria funcione como indutora desse mercado, mas que há muitas lojas brasileiras de compra, venda e revenda que fomentam a pirataria, tais como as famosas *a partir de 1,99*. Na fronteira é esse o mercado que consegue oferecer os melhores preços. São essas atitudes que muitos paraguaios não aceitam, ou seja, que os brasileiros exercem exacerbadamente um nacionalismo brasileiro dentro do Paraguai, mas acabam levando o que é mais barato, essas manifestações, essas práticas, reforçam a identidade nacional fora do país de origem, o que pode influenciar os próprios paraguaios e gerar conflitos.

O sociólogo Quintin Riquelme narra algumas dessas situações, chegando a afirmar que “hay una tentativa de dizer que todos somos iguales que no existen sentimientos xenofobos”<sup>5</sup>(ENTREVISTA, 2013: QUINTIN RIQUELME, ASUNCIÓN), o clima em alguns lugares não é tão harmônico quanto alguns deduzem.

Acá muchos dicen que no, no hay xenofobia, pero qual es lo problema con los brasileños? Por eso hay como un rechazo, por más que sean brasiguayos, que practicamente ello implementa su cultura aca y no respecta la cultura paraguaya, en este sentido, en algunos lugares alzan su bandera en Paraguay, a brasileña invés de la paraguaya, y hablan portugués en la escuela se enseña el programa brasileño y no paraguayo, entonces ese sentimiento de ser un País novamente colonizado, eso se internaliza mucho, entonces hay como uno..., se voz te va en una ciudad como Santa Rita [Departamento de Alto Paraná], es una ciudad brasileña, no es una ciudad paraguaya, todo del lugar es de Brasil, entonces sai es como un sentimiento que estamos siendo invadidos, incluso una vez en una escuela, una Organización fue e quemó la bandera brasileña, bajaron y quemaran, porque estaban cantando el hino brasileño y alzando la bandera, entonces..., y sobretudo bueno..., ese es un poco lo problema que es, se dice que no hay xenofobia que somos iguales, pero si es igual, tienen que reconocer ¿Porqué ello vienen con una cultura diferente no? Y como que arrasan con todo, en una propiedad brasileña no va a ver montes y árbol [...]. Y muchos se quiere habitan acá, los grandes no viven acá, muchos propietarios no quieren viver acá<sup>6</sup> (ENTREVISTA, 2013: QUINTIN RIQUELME, ASUNCIÓN).

Evidenciar caracteres xenófobos entre Brasil e Paraguai, países próximos e que compartilhem vários atos bilaterais na política, nas relações humanas e sociais dos seus povos, me leva a outros elementos de análise. Porém, diante do surgimento do assunto,



reconhece-se que existem desacordos entre brasileiros e paraguaios, embora sejam situações isoladas. Ricardo nos auxilia nisso, ele fala de elementos que estão diretamente ligados à questão rural e tratam da polêmica em torno da xenofobia:

Essa questão de terra, eu penso que é uma questão em parte sobredimensionada pelas mídias, alguns setores políticos geraram uma xenofobia no Paraguai por questão de terra, basicamente contra os brasileiros, existe muito forte a questão também com os Menonitas, não é? E então é essa a questão ali, por exemplo, entre Menonitas e indígenas (ENTREVISTA, 2013: RICARDO ADOLFO BECKER, ASUNCIÓN).

Na percepção do religioso, há a influência de dois setores que auxiliam o aumento de caracteres xenófobos no meio rural, no que diz respeito à questão da terra, em que a mídia aparece simultaneamente com o meio político como os principais exortadores do tema e colocam diferentes povos, de diferentes nacionalidades, em conflitos, por assim dizer estigmatizadores, na área rural. Logicamente essa é uma impressão do pastor, que convive há muito tempo em meio à sociedade e percebeu a polêmica sobre esse ponto. Não podemos perder de vista que a imprensa é um difusor de notícias e muitas vezes tais notícias não expressam necessariamente a opinião do meio de comunicação.

### Considerações Finais

Ao detectar elementos estigmatizadores, num ou noutro grupo, o problema se coloca em relação à população residente nos espaços fronteiriços: a aversão étnica e a segregação. Os fatores constitutivos necessários para identificá-los são morais, culturais, sociais, enfim, próprios de uma determinada comunidade humana. Na relação *estabelecidos/outsideiros*, os *estabelecidos* atribuem os aspectos discriminatórios a qualquer indivíduo *outsider*, seja pela religião, nacionalidade, língua, cultura, enfim, no meio social e cultural como um todo. Os *estabelecidos*, ao estigmatizarem os *outsiders*, os transformam no outro, no diferente dele, uma situação excludente e de evidente xenofobia, muito embora acaba sendo ocultada pelo discurso da perfeita integração.

Muitas vezes as situações ocorridas fazem com que a integração entre brasileiros e paraguaios pareça plena em algumas cidades paraguaias na fronteira. Todavia, há um domínio muito grande de um grupo sobre o outro, há a supremacia de um legado cultural e social de um povo sobre o outro. Por exemplo, com o advento da tecnologia, no meio rural, essa situação fica bastante visível, quando confrontada, entre o agricultor que trabalha para o mercado agroexportador e o camponês que trabalha para a subsistência, circunstância que aparece constantemente nos meios de comunicação e no discurso das pessoas.

---

### Notas de Referência

<sup>1</sup> *Establishment*, na concepção de Elias e Scotson (2000), o termo refere-se a um grupo de pessoas que está estabelecido em um determinado local e se diferencia por meio de caracteres capazes de estigmatizar outros grupos como os *outsiders*. Na oposição *Estabelecidos* e *Outsiders*, o caractere diferencial que na maioria das vezes aparece é o tempo de residência em um determinado local, os estabelecidos, sendo os mais velhos, e os *outsiders* os recém-chegados. No nosso campo de pesquisa, a característica ligada ao tempo de residência vem associada, ou está intimamente ligada à posse de capitais, sejam materiais, simbólicos, tecnológicos, étnicos.

<sup>2</sup> A tradução literal é “forasteiro, estranho, de fora”. Na concepção de Elias e Scotson (2000), o termo significa um indivíduo que é visto como uma pessoa que não faz parte de um grupo, ou seja, que é “de fora”, o entendimento do termo é universal e pode ser considerado para denotar variadas formas de exclusão.

<sup>3</sup> O leste paraguaio, continha, até meados do século XX, grandes latifúndios com extensões de matas, tendo como habitantes, especialmente os indígenas. A partir de 1956, o Paraguai passou a ter maior demanda de paraguaios para a região com a intensificação do programa *Marcha si hacia al este*, que obedecia aos mesmos interesses da *Marcha para o oeste* do Brasil. Em alguns locais a inserção de paraguaios e brasileiros nas fronteiras do Paraguai se dava no mesmo contexto. É um panorama

semelhante ao que ocorria no oeste do Paraná/BR, no início do século XX, quando 95% das pessoas que ali residiam ou trabalhavam eram de outros países, especialmente da Argentina e do Paraguai.

<sup>4</sup> [...] nós, somos naturalmente todos colonizados, e o Brasil é o país mais poderoso da região, e nós estamos bastante vulnerável, há uma assimetria, e nisso há uma tendência do Brasil de colonizarmos e estereotiparmos, somos [paraguaios] minoria na Argentina e nos discriminam, somos minoria na Espanha e nos discriminam, somos minoria na Itália, Estados Unidos, e a nós, discriminam-nos no interior do nosso próprio país? Mas assim, ainda que sejamos a maioria nos discriminam, é um caso único na literatura, eu sei e eu li muito e tenho gasto muito do meu tempo lendo e não encontrei um outro caso na literatura de um país cujos habitantes são tão discriminados no seu próprio país por parte de estrangeiros imigrantes, esse [o Paraguai] é um caso único, e então é um fenômeno muito frequente (Entrevista, 2006: RAMON FOGEL, Assunção).

<sup>5</sup> Há uma tentativa de dizer que todos somos iguais, que não existem sentimentos de xenofobia (Entrevista, 2013: Quintin Riquelme, Asunción).

<sup>6</sup> Aqui muitos dizem que não há xenofobia, mas qual é o problema com os brasileiros? É por isso, há uma rejeição, embora sejam brasiguaios, praticamente ele implementa sua cultura aqui e não considera a cultura paraguaia, nesse sentido, em alguns lugares levantam sua bandeira no Paraguai, ao invés de alçar a bandeira paraguaia, eles alçam a brasileira e falam Português, na escola se ensina o programa brasileiro e não o paraguaio, então há essa sensação de ser um país colonizado novamente, isso é muito internalizado, como um ..., se você vai em uma cidade como Santa Rita [Departamento de Alto Paraná], você vê um município brasileiro, não é uma cidade paraguaia, tudo naquele lugar se parece com o Brasil, então é uma sensação de que estamos sendo invadidos, inclusive uma vez em uma escola, uma organização [paraguaia] foi e queimou a bandeira brasileira, baixaram ela e queimaram porque estavam cantando o hino nacional [brasileiro] e alçando a bandeira, então ..., e sobretudo bem ..., isso é um pouco o problema, diz-se que não existe xenofobia que somos iguais, mas se for igual, eles [brasiguaios] têm que reconhecer isso, que eles veem e nos reconheçam como uma cultura diferente, não? E é isso, eles destroem tudo, em suas propriedades não vai ver matas e árvores [...]. E muitos não querem viver aqui, os grandes proprietários não querem viver aqui (ENTREVISTA, 2013: QUINTIN RIQUELME, ASUNCIÓN).

## Referências

BALLER, L. **Fronteira e Fronteiriços: a construção das relações socioculturais entre brasileiros e paraguaios (1954-2014)**. Curitiba-PR: CRV, 2014.

\_\_\_\_\_. A questão rural no Paraguai: da perpetuação do latifúndio ao modelo agrícola na fronteira. In: MURARO, Valmir Francisco; VALENTINI, Delmir José (orgs.). **Colonização, conflitos e convivências nas fronteiras do Brasil, Argentina e do Paraguai**. Porto Alegre: Letra & Vida; Chapecó: EdUFFS, 2015, p. 41–71.

CHARTIER, R. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Tradução Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel, 1990.

ELIAS, N.; SCOTSON, J. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2000.

FELIÚ DE SOTO, F. **Canindeyú – zona alta: los brasiguayos**. Asunción: El Lector. 2003.

GOFFMAN, E. **Estigma: Notas sobre a manipulação da Identidade Deteriorada**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan S.A. 1988.

## Fontes

ENTREVISTA. Ilvo Spielmann. Produção: Leandro Baller, Katuete, 29/01/2014 (manhã), 47 minutos (Digital). Nasceu em Mondai no Brasil, é produtor rural e empresário em Katuete no Paraguai.

ENTREVISTA. Mario Langer. Produção: Leandro Baller, Puente Kijhá, 29/01/2014 (tarde), 59 minutos (Digital). Nasceu em Juriá [Cândido Godói] no Brasil, é produtor rural em Francisco Caballero Álvarez no Paraguai.

ENTREVISTA. Quintin Riquelme. Produção: Leandro Baller, Assunção, 19/12/2013, 1 hora e 21 minutos (Digital). Nasceu em Valenzuela no Paraguai, é sociólogo, professor e coordenador da área de pesquisa em sociologia rural no Centro de Documentación y Estudios (CDE) em Assunção.

ENTREVISTA. Ramón Fogel. Produção: Leandro Baller, Assunção: 15/12/2006: 38 minutos (Digital). Nasceu no Paraguai, é Sociólogo e Advogado no Paraguai.

ENTREVISTA. Ricardo Adolfo Becker. Produção: Leandro Baller, Assunção, 18/12/2013, 1 hora e 27 minutos (Digital). Nasceu em Misiones na Argentina, filho de pai argentino com mãe brasileira, é pastor da Igreja Luterana em Assunção-PY.